

## Os Lógicos Gregos segundo Bocheński, Mates e Sedley\*

Paulo Alcoforado

Se o termo ‘lógica’ for tomado em acepção ampla e relativamente vaga, pode-se afirmar que aquilo que ele designa tem uma origem remota. Para estabelecer um momento histórico, seria possível dizer que seu ponto de partida, de certa forma, remonta às primeiras etapas históricas do procedimento dialético, vale dizer, ao século V antes de nossa era. Tal é o que se depreende, ao que parece, do que diz Aristóteles, o criador da lógica formal. Como se sabe, Aristóteles não dispõe da palavra ‘lógica’. Em nenhum de seus escritos encontramos uma palavra que lhe equivalha em extensão. Mas, sabendo que o vocábulo *sylogismós* é, na acepção que ele lhe dá, praticamente tão extenso quanto o termo ‘inferência dedutiva’,<sup>1</sup> podemos afirmar que a denominação mais próxima de ‘lógica’, caso ele quisesse se valer de alguma, teria sido algo como ‘ciência do *sylogismós*’ ou ‘teoria do *sylogismós*’.

Os *Tópicos* classificam os *sylogismoí* - levando em conta sua força probatória - em demonstrativos, dialéticos, erísticos e paralogísticos (100a27-101a9). Nas *Refutações Sofísticas*, Aristóteles distingue, de início, quatro tipos de *sylogismoí*: didáticos, dialéticos, peirásticos e erísticos, todos em forma de diálogo. Pouco adiante, porém, ele reconhece ainda a existência de outra espécie: os demonstrativos (*Soph. El.*, cap. 2). Observe-se, entretanto, que entre todas essas formas de *sylogismoí*, cabe descartar os argumentos didáticos e peirásticos por não possuírem suficiente autonomia e delimitação,

---

\*O presente trabalho é uma versão atualizada, corrigida e ampliada de um artigo originalmente publicado em *Ciência & Filosofia*, 5 (1996): 51-65.

<sup>1</sup> Eis como Aristóteles define este conceito: ‘Um *sylogismós* é um argumento em que certas coisas sendo postas, uma coisa distinta das que foram postas se segue necessariamente por força delas serem como são’ (*Tóp.*, 100a25-27; *Soph. El.*, 165a1-3; *An. Pr.*, 24b18-20). Como se vê, esta definição é tão ampla e abrangente que compreende, sem restrição, qualquer tipo de inferência dedutiva (válida). Por tal razão, no âmbito da definição acima, a palavra *sylogismós* pode ser traduzida, sem perda de precisão, pelas expressões ‘dedução’, ‘argumento dedutivo’ ou ‘inferência dedutiva’.

já que são formas que se manifestam no âmbito da dialética. Por outro lado, o estudo dos *sylogismoí* erísticos e paralogísticos pode ser assimilado ao estudo dos sofismas por se tratar de corruptelas do mecanismo dedutivo, seja por corromperem o nexos entre premissa e conclusão, seja por distorcerem a verdade das premissas. As únicas formas básicas e irreduzíveis de dedução válida (*sylogismós*) seriam, assim, a dialética e a demonstrativa.

Como se vê, a história da lógica grega não se identifica nem se reduz, em seu ponto de partida, à história da lógica formal – isto é, do silogismo demonstrativo ou analítico – que tem uma origem mais tardia, no último terço do século IV a.C., mais precisamente entre 330 e 322 com o advento dos *Primeiros Analíticos*. Pois, Aristóteles sustenta, como vimos acima, que uma das formas de *sylogismós* é a dialética; e como esta é, cronologicamente falando, anterior ao silogismo analítico, já que se origina no século V, segue-se que a origem da lógica, em sentido amplo, remontaria, na verdade, à própria origem da dialética.

Na época de Sócrates e dos sofistas – isto é, na segunda metade do século V a.C. – a dialética grega se caracteriza como um processo de discussão, por perguntas e respostas, que se articula entre duas partes – o arguido e o arguidor – que sustentam, acerca de um tema ou problema, posições opostas. Toda discussão dialética gira em torno dessa polarização. Para vencer ou refutar o arguido, mostrando as consequências absurdas que decorrem da tese por ele assumida, o arguidor tem que apelar, no decurso do debate, para uma regra ou princípio que dê embasamento racional a sua argumentação. De um ponto de vista contemporâneo, ousamos dizer que a dialética interessa proximamente à lógica não enquanto estatui um processo de discussão que envolve a presença de dois interlocutores, mas enquanto implica uma regra ou princípio de refutação (*élenchos*), de que se vale o arguidor para refutar o arguido. Por ser tal princípio, quando devidamente explicitado, uma regra formal de argumentação, segue-se que lógica formal e dialética têm profundas e estreitas vinculações, na medida em que a lógica formal é, em princípio, o estudo sistemático de tais regras. Neste sentido é

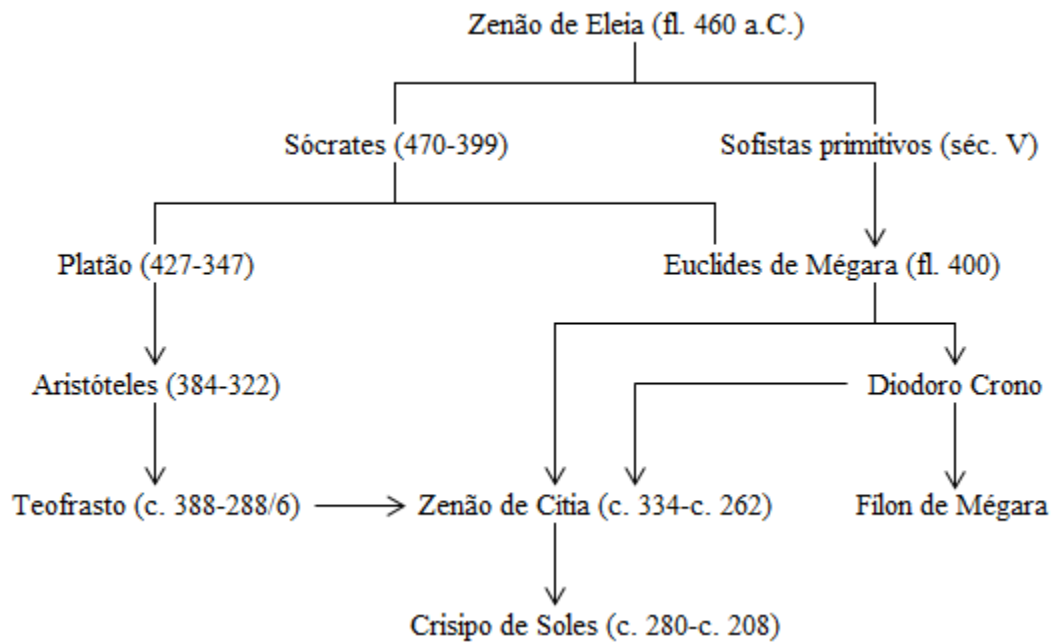
que dizemos que a dialética grega pode ser encarada como um dos mais relevantes aspectos da pré-história da lógica formal.

Para a reconstrução da antiga lógica grega, é de importância determinar que lógicos exerceram um papel de destaque nesse momento histórico, e que relações de influência e dependência esses lógicos mantiveram entre si. A fim de elucidar a questão de sua interação, um procedimento sugestivo é traçar uma árvore ou esquema que exiba as inter-relações e influências entre esses diversos lógicos de que temos conhecimento e que se destacaram nessa época. Mas, importa observar que no mundo de língua grega nem a história da lógica nem a história da dialética coincidem com a história da filosofia grega. Todos, ou praticamente todos, os lógicos gregos foram filósofos, mas nem todos os filósofos contribuíram para o progresso da lógica. E assim, a história dessas duas disciplinas não consiste em um inventário das contribuições realizadas por cada filósofo grego, já que poucos foram os filósofos gregos que contribuíram para o seu desenvolvimento.

Cabe aqui ressaltar que praticamente todos esses lógicos se distribuem em três escolas: peripatética, megárica e estoica. Neste sentido, conhecemos três propostas distintas de representar tais inter-relações no âmbito da lógica grega. Mas as dificuldades, nesse período, residem *não* no âmbito da lógica aristotélica, mas naquilo que diz respeito aos megáricos e estoicos, sobretudo aos megáricos, a respeito dos quais praticamente nada sabemos. Não é preciso dizer que todos os esquemas propostos para explicar as influências e dependências doutrinárias constituem, na verdade, uma imensa simplificação do processo de criação e difusão do conhecimento lógico. Eles são, no entanto, de uma utilidade inestimável, na medida em que iluminam e organizam, de modo direto ou indireto, um conjunto de dados e informações dispersos pelas diversas fontes históricas, muitas de difícil acesso, e cuja interpretação nem sempre se afigura imediata.

Das propostas conhecidas de esquemas que se apresentam como solução para organizar os dados de que dispomos sobre os megáricos e de suas relações com os estóicos, duas são devidas a I. M. Bocheński e uma a Benson Mates. Das duas soluções apresentadas por Bocheński, cumpre de início descartar o esquema de importância secundária, que ocorre em duas de suas

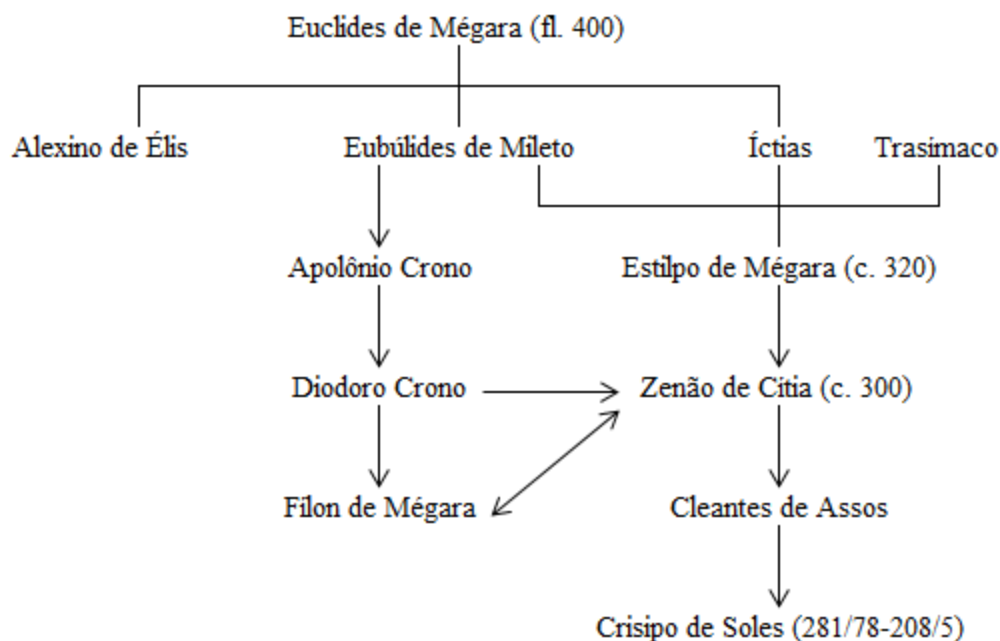
obras<sup>2</sup>, já que não oferece, por sua excessiva generalidade, qualquer interesse especial (Esq. 0):



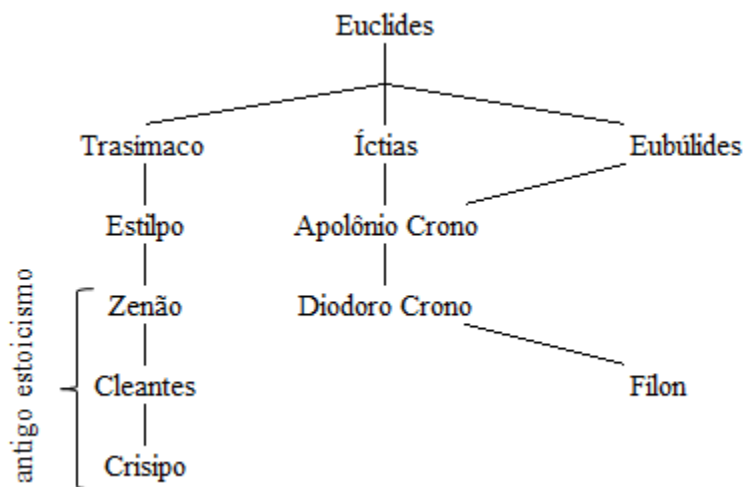
O mesmo, porém, não se pode dizer do segundo esquema que se encontra em sua *Formale Logik*<sup>3</sup> que vem a ser, tal como o esquema devido a B. Mates, a representação da corrente megárico-estoica. Eis o segundo esquema de Bocheński (Esq. 1):

<sup>2</sup> Cf. *Ancient Formal Logic*, p. 10; e ainda *Formale Logik*, p. 32. Em ambos os livros, nas páginas assinaladas, vemos exatamente o mesmo esquema aqui designado ‘Esq. 0’.

<sup>3</sup> J. M. Bocheński, *Formale Logik*, p. 123; e também em sua *Ancient Formal Logic*, p. 78.



Quanto a Benson Mates, seu esquema explicativo da corrente megárico-estoica ou, melhor dizendo, a maneira pela qual concebe a inter-relação de megáricos e estoicos, aparece em sua *Stoic Logic*,<sup>4</sup> um livro pioneiro a respeito da lógica do antigo estoicismo (Esq. 2):



Deste modo, nossas observações incidirão, sobretudo, no que se lê na *Stoic Logic* de B. Mates associado à *Formale Logik* de I. M. Bocheński<sup>5</sup>, uma das mais importantes

<sup>4</sup> B. Mates, *Stoic Logic*, p.5.

<sup>5</sup> Refiro-me evidentemente ao esquema que se encontra na p. 123 da referida obra.

obras já escritas, no século XX, sobre a história da lógica.<sup>6</sup> Cumpre, por fim, estabelecer um esquema geral dos lógicos gregos levando em conta o que cabe ser retido e o que cabe ser rejeitado tanto das soluções propostas por Bocheński (Esq. 1) como das de Mates (Esq. 2). O que será feito etapa por etapa atentando para considerações estritamente de ordem histórica.

Em primeiro lugar, dizemos que a origem da lógica, no sentido acima determinado, remonta a Zenão de Eleia por ele ter sido o criador da dialética, uma das formas de *syllōgismós*, segundo Aristóteles. Com efeito, sem nada dizer explicitamente a esse respeito, Platão<sup>7</sup> nos sugere que esta remontaria pelo menos a Zenão quando reproduz o diálogo em que Parmênides aconselha o jovem Sócrates, caso ele pretenda tornar-se um filósofo, a se submeter a um treinamento que consiste em assimilar um método de argumentar do qual Zenão parece ser um mestre competente. Eis suas palavras:

- E que farás da filosofia? Para onde te voltarás na ignorância de todas essas coisas?
- Por enquanto, não vejo saída.
- Isto é porque começaste, Sócrates, a definir 'belo', 'bem', 'justo', e outras formas particulares, cedo demais, antes de adquirir um treino adequado. Observei isto outro dia, ao te ouvir dialogar com nosso amigo Aristóteles.<sup>8</sup> Creia-me que há algo de nobre e divino em tua paixão pela argumentação. Enquanto és moço exercita-te mais amiúde nessas práticas consideradas inúteis pelo vulgo e que dele receberam o nome de parolagem. De outro modo, a verdade te escapará.
- E em que consiste, Parmênides - perguntou Sócrates - esse exercício?
- Zenão - diz Parmênides - acaba de te dar um exemplo através de sua leitura [...] (*Parmênides*, 135C-D - tr. Nunes).

---

<sup>6</sup> Observe-se que esses três esquemas não apresentam a mesma abrangência. O primeiro encerra a representação panorâmica de toda a lógica grega em seu apogeu (isto é, do *floruit* de Zenão de Eleia, c. 460, à morte de Crisipo, c. 208 a.C.), enquanto que os dois últimos se restringem tão-somente à lógica megárico-estoica (vale dizer, da fundação da escola megárica à morte de Crisipo).

<sup>7</sup> Não há uma única passagem nos diálogos de Platão em que se diga, de forma explícita e manifesta, quem teria sido o criador da dialética. Isto talvez se deva ao fato de Platão ou não ter qualquer interesse por registros históricos, ou então por julgar difícil dizer quem poderia ter descoberto o que foi objeto de um lento e gradativo desenvolvimento. Portanto, a passagem do *Parmênides* nem confirma nem desmente o fato de ter sido Zenão o criador da dialética. Ela, aliás, não se manifesta sobre sua criação, mas apenas assegura que Zenão – a crer nas palavras de Parmênides – teria pleno domínio de um método de argumentar indispensável para aquele que visa a se tornar um filósofo.

<sup>8</sup> Não se trata aqui do discípulo de Platão e autor dos *Analíticos*, mas, ao que parece, de um dos que, mais tarde, virá a ser um dos trinta tiranos que governaram Atenas. À época em que se trava o diálogo o Aristóteles em questão teria entre 16 e 20 anos (cf. *Parmênides*, 127C).

Neste mesmo sentido, Aristóteles nos diz explicitamente, em seu diálogo *Sofista*, ter sido Zenão o fundador da dialética, o que sabemos por duas fontes doxográficas.<sup>9</sup> Com efeito, relata-nos Diógenes Laércio (fl. 225-250 d.C.) que ‘Aristóteles diz no *Sofista* que Empédocles foi o primeiro a descobrir a retórica, e Zenão, a dialética’ (D.L., VIII, 57). De forma basicamente similar, é o que lemos em Sexto Empírico (fl. 200 d.C.) a esse respeito. ‘Assim, Aristóteles diz que Empédocles foi o primeiro a cultivar a arte da retórica [...]. E não parece que Parmênides fosse inculto em dialética, já que Aristóteles pensa que seu amigo Zenão foi o fundador da dialética’ (*Adv. Math.*, VII, 6-7). Consequentemente, é lícito tomar Zenão de Eleia como aquele que remotamente deu início a todo esse processo que mais tarde evoluirá para a lógica formal (Esq. 3), como antes o fizera Bocheński (Esq. 0).

Em segundo lugar, dizemos que Sócrates e os sofistas sofreram, de um modo ou de outro, influência de Zenão na medida em que tanto Sócrates quanto os sofistas se serviram, válida ou invalidamente, da discussão em forma de diálogo, vale dizer, do método dialético, descoberto por Zenão de Eleia.<sup>10</sup> Tal indicação consta em Bocheński

---

<sup>9</sup> A respeito dessa afirmação de Aristóteles muito se especulou, não só sobre o que teria Zenão realizado para merecer o título de inventor da dialética, como também sobre o que entendia o próprio Aristóteles pela palavra ‘dialética’, quando aplicada ao presente contexto. Pois, esta palavra foi usada, mesmo entre os gregos, em mais de uma acepção. Aqui, por ‘dialética’ cabe entender um procedimento complexo, constituído de várias partes ou aspectos e apta para servir a distintas finalidades todas tendo em comum o aspecto de uma *ars disputatoria*. Ao dizer que Zenão foi seu criador, Aristóteles não quer necessariamente dizer que a dialética saiu pronta e acabada de suas mãos.

<sup>10</sup> Com Sócrates nos deparamos com um diálogo vivo entre ele e um adversário, fato que não ocorre com Zenão, em que se assiste a um diálogo silencioso que ele trava consigo mesmo. A dialética socrática é uma forma de argumento (uma forma de *sylogismós*, diria Aristóteles) em que se parte da proposição A e dela se deriva a proposição não-A; ao passo que a dialética zenoniana é um tipo de argumento (de *sylogismós*) em que da proposição A é dado derivar as conclusões B e não-B. Por assim argumentar, pela primeira vez, Aristóteles foi levado a dizer que Zenão foi o criador da dialética. O fato de uma dessas formas envolver um *cenário* com dois personagens, enquanto que a outra envolver apenas um, é, de um ponto de vista *lógico*, de menor relevância. Com efeito, vemos Parmênides aconselhar o jovem Sócrates a praticar o método de que Zenão é perito, pois, ‘de outro modo, a verdade te escapará’ (*Parmênides*, 135D). E o Estrangeiro ateniense não vê qualquer dificuldade em se propor a si mesmo perguntas e de as responder (*Leis*, 893A). E movido por outra razão, Aristóteles entende que se não pudermos encontrar ninguém mais com quem argumentar, argumentemos com nós mesmos (*Tóp.*, 163b3). Nos termos acima, entendemos que nem Platão nem Aristóteles veriam qualquer dificuldade no fato de a dialética ser praticada no sentido de servir à investigação pessoal seja envolvendo dois interlocutores seja conduzida pela reflexão do próprio sujeito em sua subjetividade (*Soph. El.*, 169a37-40).

(Esq. 0). A presença dos sofistas se justifica na medida em que se propunham a preparar seus alunos para discorrer sobre qualquer tema e defender o pró e o contra a respeito de qualquer assunto, mediante longos e pomposos discursos ou então através de diálogos breves e incisivos (*katàbrachy*). E em quaisquer das situações, aguardar do adversário sua resposta, para logo retrucar de modo a reduzi-lo ao silêncio. Quanto a Sócrates, sua missão, tal como ele a entendia, se desdobrava em duas etapas: de início, *suscitar* e a seguir, *examinar* ideias. No que diz respeito ao primeiro aspecto, Sócrates empregou um método, que ele denominou de ‘maiêutica’ (*maieutikê technê*, ‘arte de partejar’), em que utilizando-se de perguntas bem urdidas, ia progressivamente suscitando em seu interlocutor os conceitos necessários para um aprofundamento do tema em debate. Assistia assim, por força de seu questionar, as ideias nascerem. E ao trazê-las à luz - e aqui nos deparamos com a segunda etapa de sua missão -, ele as submetia a um exame ou teste e, se fosse o caso, eram por ele acolhidas; e, se incorretas, ele as abandonava. Como se vê, tanto Sócrates como os sofistas se utilizaram do procedimento erotemático que vem a justificar sua inclusão no Esq. 3.

Em terceiro lugar, sabemos que Euclides de Mégara (c.450-c.360 a.C.) foi o fundador da escola megárica (D.L., II, 108; II, 112) e companheiro de Sócrates e um contemporâneo ligeiramente mais velho de Platão (D.L., III,6). Não causa surpresa, portanto, Platão apresentar Euclides como um membro do círculo socrático (*Teeteto*, 142A-143C) e, assim, que Platão e Euclides de Mégara tenham recebido, de um modo ou de outro, influência doutrinária direta de Sócrates é um fato que parece bem estabelecido. Que Platão tenha sido o mais brilhante aluno de Sócrates é algo que não dá margem a discussão (v. g., D.L., I, 15). Quanto a Euclides, um conjunto de indícios aponta para esta direção: suas frequentes viagens a Atenas para estar com Sócrates e seus discípulos (cf. *Teeteto*), sua conhecida amizade por Platão, o fato de hospedar em sua casa de Mégara, Platão e os demais membros da escola quando estes abandonaram Atenas após a morte do mestre (399), são dados que, em conjunto, sugerem esta influência (D.L., II, 106). Com efeito, lemos na *Suda* que ‘Sócrates tinha por discípulos [...] Euclides de Mégara’ (s. v. *Sōkrátēs*). Isto lemos também em Dion Crisóstomo quando narra que entre os discípulos de Sócrates encontramos ‘Platão [...] e Euclides de Mégara’ (*Orat.*, VIII,1), e em Cícero lemos que Euclides de Mégara foi discípulo de Sócrates (*Acad.* II, XLII,129). Além

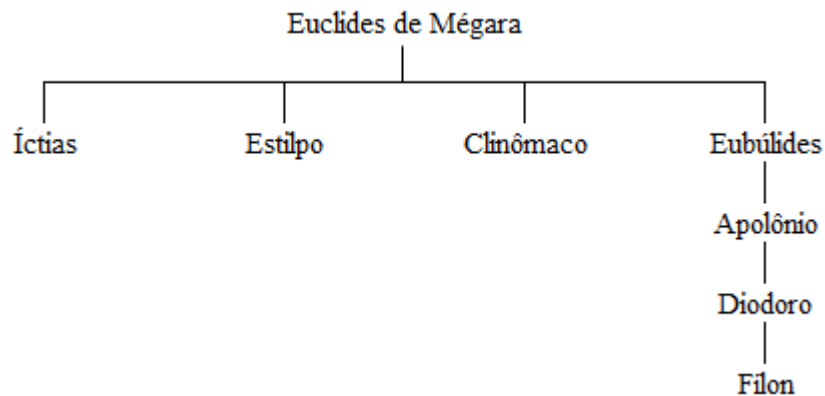
destes relatos, é bem conhecida a fórmula ‘Euclides, o socrático’ tão recorrente entre os antigos.<sup>11</sup> Como se vê, também aqui seguimos a solução de Bocheński (cf. Esq. 3).

Desde o início, os megáricos apresentaram um interesse particular por questões de natureza lógica: o estudo dos enunciados condicionais; o aprofundamento de algumas noções de natureza modal; e a introdução de um conjunto de argumentos que lindam com a falácia e o paradoxo. Há que ser dito, porém, que nenhum de seus escritos chegou até nós e a seu respeito tudo o que sabemos se resume a breves e escassos fragmentos. E ao que parece foram críticos tanto de Platão como de Aristóteles. No que concerne aos megáricos, conhecemos hoje duas interpretações a seu respeito. A interpretação tradicional do texto de Diógenes Laércio, e uma segunda, formulada recentemente (1977) por David Sedley, sobre a qual falaremos mais adiante. De acordo com a versão tradicional, a escola de Mégara fora fundada por Euclides de Mégara (D.L., II,47), no final do século V, e perdurou até o início de século III a.C. quando chegou ao fim como um grupo reconhecível. Não se conhece sua organização interna, mas presume-se que nunca assumiu uma configuração (como, localização, regulamento, edifício, biblioteca etc.) tão rígida quanto a da Academia ou a do Liceu, fato que levou certos historiadores recentes a suspeitarem que a escola megárica, em sentido estrito, jamais existiu. Mas quando se fala de megáricos não se está necessariamente insinuando que se trate de uma doutrina unificada produzida no contexto de uma escola bem instituída. Pelo contrário, é pensável que tudo quanto tivessem em comum não passasse de certas atitudes intelectuais em face de alguns problemas epistemológicos e metafísicos grupados em torno de um mestre. Nesse momento, a identidade de uma escola filosófica (*hairesis*) tem seu núcleo nas ideias e princípios de seu fundador e pertencer a uma escola quer dizer concordar não em todos os detalhes, mas em grandes linhas com essas ideias. Já Diógenes Laércio nos alerta sobre a possibilidade da noção de *hairesis*, ‘escola filosófica’, receber mais de uma caracterização (D.L., I, 20). Dentre os numerosos filósofos tradicionalmente arrolados como megáricos, cumpre lembrar os nomes de Euclides, o fundador, de Íctias, seu discípulo, de quem nada sabemos, de Eubúlides de Mileto, um crítico de Aristóteles que se notabilizou por seus argumentos paradoxais, de Alexino de Élis, renomado erístico e

---

<sup>11</sup> Cf. Plutarco, *De frat. am.*, 18,489D (fr. 10A Muller); Estobeu, *Flor.*, IV,27,15 (fr. 10B Muller); Censorino, *De die nat.*, 3,3 (fr. 20 Muller); Estrabão, *Geog.*, IX,1,8.

dialético, de Apolônio Crono, mestre de Diodoro Crono. E ainda, Bríson de Heracleia, que negava que uma palavra obscena fosse ofensiva caso viesse a ser equivalente a um circunlóquio, e diz-se também que teria apresentado uma solução para o problema da quadratura do círculo; Clinômaco de Túrio, um discípulo de Euclides, que desenvolveu um conjunto de argumentos contra as Formas, do tipo terceiro homem; Estilpo de Mégara, adversário de Teofrasto e crítico ferrenho das Formas ou universais. Diodoro Crono, que desenvolveu uma teoria sobre o possível como aquilo que é ou será verdadeiro, e a defendeu mediante o chamado ‘Argumento Dominador’. Por fim, a figura de Fílon de Mégara, que sustentava que um condicional verdadeiro ou correto só é aquele por função de verdade (o que hoje chamamos de ‘implicação material’), com quem se encerra a escola.



Como vemos, os megáricos constituíram um centro de estudos e debates especulativos e sabemos ainda que vieram a sofrer influência, em grau maior ou menor, tanto de Sócrates como dos eleatas, embora seja impraticável delimitar suas proporções.

Por influência eleática, Euclides veio a desenvolver uma teoria acerca da unidade do Bem e rejeitava tudo que fosse contrário ao Bem, dizendo que tal não existe (D.L., II,106). Toda diversidade só é nominal. Tal forma de conceber a realidade é que está, ao que parece, na base dos argumentos de Eubúlides de Mileto, seu discípulo. Ele sustentava que o Bem era um só, apesar de seus múltiplos nomes - por vezes prudência, por vezes deus, por vezes inteligência (*nous*) e assim por diante -, por entender que unir Formas só é possível sendo elas idênticas e separá-las só pode ter lugar caso elas se excluam. Por fim, importa ser dito que o fato de Euclides de Mégara ter

recebido algum tipo de influência dos sofistas primitivos só pode ser depreendido da maneira erística como ele conduzia sua atividade filosófica.<sup>12</sup> Na *Suda* é dito que a escola fundada por Euclides recebeu entre outros o nome de ‘erística’ (*sub loc.* Eukleídēs). E o comentador anônimo do *Teeteto* nos assegura que Euclides fundou uma seita que veio a se tornar fortemente sofística.<sup>13</sup> Há que ser dito, porém, que isto não constitui uma prova cabal da influência dos sofistas sobre Euclides de Mégara. Além disso, a Euclides também é atribuído o desenvolvimento de alguns tópicos de lógica. Mas a esse respeito nada sabemos. De qualquer maneira, também aqui nosso esquema segue a solução de Bocheński (cf. Esq. 3).

Em quarto lugar, a presença de Estilpo, Clinômaco<sup>14</sup> e Eubúlides,<sup>15</sup> subordinados a Euclides de Mégara, se explica por terem sido todos megáricos e discípulos de Euclides. De Estilpo de Mégara, tudo que sabemos é que teria sido aluno de um dos seguidores de Euclides, embora haja também quem o tivesse tomado como aluno do próprio Euclides, e ainda de Trasímaco de Corinto, um amigo de Íctias (D.L., II, 113). ‘Pela inventividade e pela capacidade de filosofar a tal ponto sobrepujou os demais filósofos, que quase toda a Grécia o admirava e aderiu à escola megárica’ (D.L., II, 113). Dele se conhecem nove diálogos (D.L., II, 120), ainda que nenhum deles tenha chegado até nós. Em filosofia, admitia o monismo típico da escola megárica e sustentou a inexistência dos universais, negando que existisse qualquer diferença entre universais e singulares (D.L., II, 119). Das possíveis influências de Estilpo sobre Zenão de Cítia, a negação da existência de universais terá sido, talvez, a mais rica em consequências. Sua influência na formação da lógica estoica não foi, ao que parece, desprezível. Ao que é dito, Zenão, fundador do estoicismo, fora aluno de Estilpo, sendo possível que dele decorra seu

---

<sup>12</sup> Para um estudo detalhado da relação dos megáricos com a sofística, cf. R. Muller, *Introduction à la pensée des Mégariques*, pp. 114ss.

<sup>13</sup> Anon. *Komm. Zu Platons Theaet.*, col. III, 50- IV, 3 ed. Diels & Schubart, Berlim, 1905.

<sup>14</sup> Em lugar de ‘Clitômaco’ preferimos a forma ‘Clinômaco’, seguindo as considerações de K. Döring, *Die Megariker*, p. 98-99.

<sup>15</sup> Houve quem dissesse que não se pode concluir que Eubúlides seria discípulo de Euclides, por força da palavra ‘sucessão’ (*diadoché*) não garantir este fato. No entanto, o conjunto de dados doxográficos de que dispomos contradizem esta tese e reforçam a interpretação tradicional, cf. R. Muller, *Les Mégariques*, p.110-111.

conhecimento de dialética (D.L., II, 120). Daí, a presença de seu nome nos Esq. 1,2 e 3. Não vemos assim qualquer dificuldade em Estilpo, o primeiro nome da lista acima, figurar tanto na “sucessão” de Bocheński (Esq. 1) como na de Mates (Esq. 2) e, por consequência, na nossa (Esq. 3). Ao abordarmos a figura de Clinômaco de Túrio, o segundo nome da lista acima, surge uma questão a respeito da qual discordamos tanto de Bocheński quanto de Mates na medida em que estes eliminam seu nome de suas reconstruções, e em seu lugar introduzem Íctias no rol dos discípulos lógicos de Euclides, o que não fizemos (cf. Esq. 3). A razão de ser de nossa atitude decorre do fato de a respeito de Íctias sabermos apenas que foi discípulo de Euclides (D.L., II, 112; *Suda*, s.v. Eukleídēs) e amigo de Trasímaco de Corinto (D.L., II, 113) e nada mais. Dele não sabemos o número e o nome de suas obras, nem são conhecidas suas doutrinas ou mesmo suas atitudes ou interesses intelectuais e, assim, sequer é sabido se veio a cultivar algum interesse pela lógica. Tampouco sabemos o que teria levado Mates a afirmar que Íctias foi ‘o sucessor de Euclides na direção da escola.’<sup>16</sup> Por outro lado, tal não é o que sucede com Clinômaco, outro ‘sucessor de Euclides’, de quem sabemos que foi ‘o primeiro a escrever um tratado sobre proposições (*axiómata*),<sup>17</sup> predicados (*katēgorémata*) e outros assuntos do mesmo gênero’ (D.L., II, 112). Teria sido também a partir de Clinômaco, que a escola fundada por Euclides passou a chamar-se ‘dialética’ (D.L., I, 19; *Suda*, s. v. Sōkrátēs); e ao que se relata foi igualmente Clinômaco que desenvolveu a dialética erística (*Suda*, s. v. Sōkrátēs); e Diógenes Laércio nos informa que a escola dialética teve por chefe Clinômaco (D.L., I, 19). Não é, como se vê, muita coisa, embora seja, quando se tem como moldura a história da lógica, um nome bem mais expressivo. Por tal razão, não hesitamos em substituir o nome de Íctias pelo de Clinômaco em nosso esquema evolutivo dos lógicos gregos (cf. Esq. 3). Cumpre agora dizer algo, para finalizar, sobre o terceiro nome da lista acima, Eubúlides de Mileto, um dos mais notáveis discípulos de Euclides e um dos mais destacados dialéticos da escola megárica. De um ponto de vista lógico, seu

---

<sup>16</sup> Cf. B. Mates, *Stoic Logic*, p. 5.

<sup>17</sup> D. Sedley entende que Clinômaco lançou as bases da lógica das proposições que foram logo a seguir aprofundadas pelos dialéticos (que ele distingue dos megáricos) e retomada mais tarde pelos estoicos, cf. ‘Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy’, *Proc. of the Cambr. Philol. Soc.*, 23 (1977): 76. De substancial, contudo, nada mais sabemos além do que lemos em Diógenes.

renome advém de seus sete paradoxos conhecidos como: o mentiroso ('Se digo que minto, estou dizendo a verdade?'); Electra, o encapuzado e o mascarado ('É possível conhecer um homem mascarado?'); o calvo e o sorites ('Qual o número de grãos que formam um monte?'); e, por fim, o cornuto ('Cabe perder o que não se tem?').<sup>18</sup> Teve inúmeros discípulos, cujos nomes mais notáveis foram conservados por Diógenes: Alexinos de Élis, Eufantos de Olinto e Apolônio Crono (II, 109-111). À exceção do Esq. 0, como não poderia deixar de ser, seu nome ocorre em todas as demais reconstruções (Esq. 1, 2 e 3).

Em quinto lugar, não é evidente que Trasímaco de Corinto, um amigo de Íctias, tenha sido discípulo de Euclides de Mégara, como vemos em B. Mates (cf. Esq. 2). Do relato de Heraclides Lembos, a fonte de Diógenes Laércio, o que se pode conjecturar é que Trasímaco poderia ter tido apenas uma atitude simpática para com os megáricos, o que não implica assimilá-lo aos demais discípulos de Euclides (D.L., II, 113). Nada sabemos de seus interesses e atitudes em relação a quaisquer das doutrinas megáricas. Por tal razão, fomos levados a omitir, em nosso esquema, o nome de Trasímaco por não ver sua relevância para a história da lógica megárica (cf. Esq. 3).

Em sexto lugar, um nome que cumpre ser objeto de exame é o de Alexino de Élis, que floresceu no começo do século III a.C. A seu respeito, pouco se sabe. Parece certo que pertenceria à escola megárica e, ao que se relata, foi sucessor de Eubúlides (D.L., II, 109). Era um pensador tão apaixonado por controvérsias e discussões, que chegou a ser apelidado de 'Elenxinos'<sup>19</sup> e por alguns descrito como um 'filósofo erístico'<sup>20</sup> e 'dialético'.<sup>21</sup> Teria escrito diversos livros<sup>22</sup> e sustentado uma controvérsia com Zenão de Cítia, o fundador de estoicismo.<sup>23</sup> Por todas essas razões, Bocheński foi levado a inscrevê-lo em seu quadro evolutivo (Esq. 1). Como se vê, em torno de sua figura nada há de especial

---

<sup>18</sup> Cf. D.L., II, 108, onde esses paradoxos se encontram.

<sup>19</sup> Palavra que significa "refutador", do verbo *elénchein*, 'refutar'. Talvez por esta razão, Bocheński veio a colocá-lo em seu esquema (Esq. 1).

<sup>20</sup> Eusébio, *Praep. ev.*, XV, 2,4.

<sup>21</sup> Ateneu, *Deipnos.*, XV, 696E-F.

<sup>22</sup> D. L., II, 110.

<sup>23</sup> D. L., II, 109. A esse respeito, cf. Sexto, *Adv. Math.*, IX, 104 e 108. Cf. ainda o comentário ao fr. 94 Döring

que imponha, como tampouco nada há que impeça, a presença de seu nome no rol dos antigos lógicos gregos. Contudo, seguimos aqui Mates ao suprimir seu nome de nosso esquema (Esq. 3).

Em sétimo lugar, sabemos que Apolônio Crono nasceu em Cirene nos meados do século IV a.C., foi aluno de Eubúlides de Mileto e mestre de Diodoro Crono.<sup>24</sup> Sobre Apolônio é tudo o que se sabe e, assim, causa estranheza o fato de Mates fazer Apolônio sucessor de Íctias (Esq. 2), o que acertadamente Bocheński não fez (Esq. 1). Pois, como vimos acima, de Íctias nada sabemos a não ser que foi aluno de Euclides e mestre de Trasímaco de Corinto. Talvez Mates tenha tomado algum critério temporal como princípio orientador de seu raciocínio. O que, por certo, seria muito discutível. Deste modo, desconhecemos a razão pela qual Mates foi levado a fazer tal afirmação. Ao que se pode concluir, a presença de Apolônio em um dos esquemas (como, em 1, 2 e 3) como sua ausência em outro (isto é, em 0) se apoia, tanto em um caso como no outro, em uma única razão: ter sido mestre de Diodoro Crono.

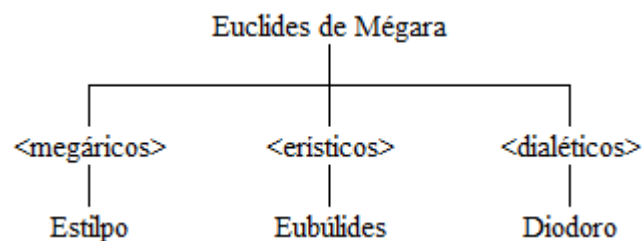
Em oitavo lugar, cumpre dizer algo sobre Diodoro Crono, originário de Iasso, na Cária. Teria nascido aproximadamente em meados do século IV e morrido no começo do século III a.C. Duas são suas preocupações de interesse propriamente lógico: a proposição condicional e a teoria do possível e do necessário. A crer na versão tradicional, Diodoro seria um megárico (D. L., II, 111-112). Mas, segundo a reconstrução de Sedley, teria sido, na verdade, o mais destacado representante da escola dialética, já que Cícero o qualifica de ‘um poderoso dialético’ (*‘valente dialectico’*, *De fato*, VI, 12) e, de acordo com Sexto, alguém ‘muito versado em dialética’ (*Adv. Math.*, I, 310). Teve por mestre Apolônio Crono (D.L., II, 11), e como discípulos, Fílon de Mégara (uma conjectura derivada de VII,16), Zenão o Jovem (ou de Sídón) e Zenão de Cítia, o fundador do estoicismo, o qual com Diodoro estudou dialética com afinco, segundo relata Hipóboto (D.L., VII, 25). Daí, seu nome ocorrer em todas as listas, cf. Esq. 0, 1, 2 e 3.

Reagindo à interpretação tradicional do texto de Diógenes Laércio, David Sedley veio a formular uma teoria sob a constituição da assim chamada ‘escola megárica’ em

---

<sup>24</sup> Cf. D.L., II, 111; VII,16. O que também se lê em Estrabão que afirma que o dialético Diodoro Crono, foi aluno de Apolônio (*Geogr.*, XIV, 2, 21 ed. Jones). E mais adiante repete o que antes dissera, isto é, que ‘Apolônio foi o mestre do dialético Diodoro’ (XVII, 3, 22).

que se propõe a corrigir a concepção tradicional. Em sua reconstrução, Sedley leva em conta, basicamente, uma passagem de Diógenes Laércio em que se lê que os sucessores (*hoi apo*) de Euclides de Mégara ‘foram chamados de megáricos, a seguir erísticos e por fim dialéticos’ (D.L., II, 106). Segundo a interpretação tradicional aqui temos três designações distintas de uma mesma escola, enquanto que Sedley vê nesta passagem a menção de três diferentes escolas: 1) os megáricos propriamente ditos, dirigidos por Estilpo de Mégara de orientação cinicizante; 2) os erísticos, que se organizariam em torno de Eubúlides de Mileto; e 3) os dialéticos, cujos únicos representantes conhecidos são Diodoro Crono, Fílon de Mégara e Dionísio da Calcedônia, mas cujas teorias retroagiriam a Clinômaco de Túrio, que formulou as primeiras ideias a respeito de lógica das proposições. Como vemos, trata-se de uma concepção razoavelmente distinta da tradicional. Contudo, as doutrinas de cada filósofo e as inter-relações entre eles são, segundo Sedley, exatamente como as que a tradição registrou. Em termos de um esquema, temos



No final do século IV as teorias lógicas dos dialéticos foram assimiladas pelo estoicismo nascente, o que veio a esvaziar essa escola. E assim, na concepção de Sedley, o relato diogeniano não versaria sobre uma *hairesis*, expondo em momentos sucessivos suas três designações. O que aqui temos, na verdade, é uma *diadochè*, isto é, o relato da existência de três escolas distintas. O que temos aqui, portanto, é um erro cometido pela tradição ao confundir *hairesis* (vale dizer, uma escola doutrinária) com *diadochè* (um esquema genealógico). O fundamento de sua concepção, Sedley encontra em um segundo passo de Diógenes em que é transcrito um trecho de Filipe de Mégara em que se narra que Estilpo conquistou para sua escola inúmeros adeptos inclusive dos próprios

dialéticos, pois ‘de Aristides conquistou Paioneios, por outro lado, Dífilo de Bósforo [conquistou] de <... ; de ...>, filho de Eufanto, e de Mirmex, filho de Exainétos, que juntos vieram para refutá-lo, mas que se tornaram seus prosélitos devotados’ (D.L., II, 113 tr. Goulet-Cazé adaptada). A partir deste texto, Sedley conclui que se megáricos e dialéticos constituíssem um único grupo a atitude de Estilpo não faria sentido, pois ninguém procura converter alguém de seu grupo para seu grupo. A teoria proposta por Sedley, que vimos acima, foi objeto de críticas e reparos por parte de K. Döring, que teremos mais adiante ocasião de expor.

Em nono lugar, cumpre que se diga algo a respeito de Zenão, o fundador do estoicismo, que nasceu em Cítia, na ilha de Chipre, em c. 334 e em 262 a.C. vem a falecer em Atenas. Originalmente era um discípulo de Crates de Tebas, um filósofo cínico. Mais tarde se envolveu com a filosofia socrática e progressivamente veio a sistematizar epistemologia, lógica, ontologia e ética em uma doutrina extremamente original que será mais tarde, no ano 300 a.C., conhecida como a ‘filosofia do Pórtico’ ou ‘estoicismo’ (<*stoà*, ‘pórtico’) pelo fato de Zenão ensinar na *Stoà Poikílē* – entenda-se, ‘o pórtico com afrescos’ – em Atenas. E não obstante ser, ao que parece, menos estruturada que a Academia ou o Liceu, a escola estoica teve uma sucessão contínua de diretores desde Zenão até pelo menos 260 d.C., a última data conhecida.<sup>25</sup> Donde seu nome estar presente em todas as listas, cf. Esq. 0,1,2 e 3.

Em décimo lugar, é um fato incontestado que Cleantes (331-232 a.C.) foi discípulo de Zenão de Cítia (D.L., VII, 168) e seu sucessor na direção da escola (D.L., VII,174). Sabemos igualmente que Crisipo foi discípulo de Cleantes (D.L., VII, 179) e também seu sucessor na direção da escola.<sup>26</sup> Cumpre reconhecer que existe hoje mais de um motivo para inscrevê-lo em nosso esquema “sucessório” (Esq. 3), como ocorre tanto em Bocheński (Esq. 1) como em Mates (Esq.2). De interesse propriamente lógico, de Cleantes conhecemos, segundo o registro de Diógenes Laércio (D.L., VII, 175), três títulos de obras que deveriam ser inequivocamente de nosso interesse. Um, *Sobre a dialé-*

---

<sup>25</sup> A crer nas fontes de que dispomos é lícito dizer que não sabemos o que Zenão poderia ter positivamente contribuído para a lógica em sentido estrito, cf. M. Frede, *Die stoische Logik*, p. 12ss.

<sup>26</sup> Cf. Esq. 1, 2 e 3.

*tica* (*Perì dialektikēs*), assunto a respeito do qual, tratando-se de Cleantes, nada sabemos. O segundo título que cabe ser destacado é *Sobre os tropos* (*Peri trópōn*) acerca do qual sabemos algo mais, caso se tome em consideração o relato de Galeno segundo o qual os lógicos (*dialektikoi*) denominariam de *trópos* os esquemas de argumento (*Inst. log.*, XV, 7). Por fim, nos é relatado ser de sua autoria um livro que ostenta o título de *Sobre os predicados* (*Peri katēgorēmátōn*) e, segundo nos diz Clemente de Alexandria, tanto Arquedemo como Cleantes chamavam de ‘predicados’ os *lektá* (*Strom.*, 8, 9, 26, 3-4). Daí ser dito que se deve a Cleantes o uso desta palavra no contexto da lógica estoica.<sup>27</sup> Isto explica a presença de Cleantes nos esquemas 1, 2, e 3.

Com Fílon a escola de Mégara se extingue, mas não sua influência. Já que Zenão de Cítia, criador do estoicismo, veio a sofrer influência de três renomados filósofos megáricos: Estilpo, Diodoro e Fílon. O estoicismo se desdobra em três momentos bem marcantes. O antigo estoicismo, em que se formulam e se aprofundam os três aspectos de sua filosofia: lógica, física e ética. O médio estoicismo (sécs. II a I a.C.), que se transforma em uma escola eclética que assimila elementos platônicos, aristotélicos e epicuristas e que veio a exercer profunda influência sobre o pensamento romano, e em que se destacam os nomes de Panécio de Rodes e Posidônio de Apameia. E, por último, o novo estoicismo (sécs. I a III d.C.), dito ‘romano’ ou ‘imperial’, que se caracteriza por abandonar a lógica e a física para se ater quase que exclusivamente à ética, e cujos nomes que mais se destacam são: Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio. De todos esses três momentos do estoicismo - quando o que estiver em questão for a lógica - o único que vem ao caso é, sem dúvida, o primeiro, pois, o estoicismo posterior praticamente nada acrescentou àquilo que o estoicismo inicial viera a elaborar. Cronologicamente, esta fase tem início com o surgimento da própria escola com Zenão de Cítia, seu fundador, em c. 300 a.C., perdura por todo o período de Cleantes de Assos, seu sucessor, e se extingue umas sete décadas após a morte de Crisipo de Soles, que elaborou e sistematizou a doutrina lógica da escola, vale dizer, em torno de 130 a.C. O antigo estoicismo perdura, como se vê, por um século e meio, aproximadamente. A lógica estoica não é um mero aprofundamento ou desdobramento da lógica aristotélica nem se resume a ser um desenvolvimento linear da lógica cultivada em Mégara, mas um sistema distinto e

---

<sup>27</sup> Para detalhes, cf. R. O’Toole & R. Jennings, *Handbook of the History of Logic*, v. I, p. 409 ss.

original. Pressionados talvez pelo ceticismo dos acadêmicos (no caso, Arcesilau e Carnéades), os estoicos foram levados a criar e desenvolver um complexo sistema lógico dividido em dialética e retórica. E, assim, a aprofundar o estudo da estrutura interna da proposição, tanto simples como complexa; desenvolver uma teoria do argumento e suas diversas formas; e introduzir a lógica da proposição.

Em décimo primeiro lugar, há algo a ser dito a respeito da figura singularíssima de Crisipo que nasceu na cidade de Soles (Sicília) por volta do ano 280 a.C. Chegou a Atenas em torno de 260 e seguiu inicialmente as aulas de Arcesilau, que na época dirigia a Academia, e de quem adquiriu seu conhecimento de lógica e dialética. Cleantes o iniciou no estoicismo, no que ele fez tais progressos que veio mais tarde a sucedê-lo na direção da escola por volta de 232. Morre em Atenas aproximadamente aos 72 anos de idade em torno de 208 a.C. Ao que se diz, Crisipo escreveu mais de trezentas obras sobre lógica e outras tantas sobre os mais diversos assuntos: teoria da linguagem, psicologia, ética, epistemologia e teoria da natureza. Contudo, todos os seus escritos, sem exceção, se perderam; dele o que dispomos é apenas o catálogo de suas obras conservado por Diógenes Laércio, VII, 55-83; e fragmentos de seus livros conservados por Sexto Empírico, *Hyp. Pyrrh.*, Livro II e em *Adv. Math.*, Livro VIII. Sua filosofia se tornou a própria doutrina do estoicismo e, por tal razão, foi considerado ‘o segundo fundador’ da escola e assim houve quem dissesse que ‘se Crisipo não tivesse existido, não teria existido o estoicismo’ (D.L., VII, 183). Isto se deve ao fato de ter repensado com grande argúcia e originalidade – mas dentro das linhas mestras traçadas por Zenão – o pensamento de seus predecessores. A importância de sua contribuição foi de tal ordem que acabou por eclipsar a contribuição de seus antecessores, de quem discordava em inúmeros tópicos, especialmente em lógica e teoria do conhecimento. Foi um polemista sutil e perspicaz. Sustentou inúmeros debates com os acadêmicos, defendendo a possibilidade da certeza contra seu ceticismo. Em lógica, alcançou tal renome que foi apontado como o maior lógico dos tempos antigos. ‘Se entre os deuses houvesse dialética, esta seria a de Crisipo’ (D.L., VII, 180). Aos estoicos devemos a criação do cálculo proposicional. Não se deve, contudo, descartar a inspiração e as possíveis contribuições dos megáricos que precederam umas duas décadas a Crisipo de Soles. Mas, é certo que foi este filósofo que imprimiu o decisivo impulso a este domínio da lógica.

Para se ter uma medida de suas inovações, basta dizer que há pistas que sugerem ter sido Crisipo quem transformou a lógica estoica – isto é, a lógica das proposições – em um sistema dedutivo. De fato, seu nome se encontra sistematicamente associado aos argumentos indemonstrados (*anapódeikta*) a partir dos quais todos os demais argumentos podem ser derivados. Em segundo lugar, há uma fonte histórica que afirma ter sido Crisipo quem fixou em cinco o número desses indemonstrados.<sup>28</sup> Em terceiro lugar, nos *Tópicos* de Cícero nos é dito que os estóicos ‘a partir desses modos [os cinco indemonstrados] obtiveram inúmeras inferências, e nisto consiste quase toda a dialética’ (Cícero, *Tóp.*, 57). Se a dialética (ou lógica) consiste na obtenção de argumentos demonstrados tendo como ponto de partida argumentos indemonstrados, parece plausível afirmar ter sido Crisipo quem deu origem e desenvolveu dedutivamente a lógica do antigo estoicismo. Eis a razão que leva seu nome a constar de todas as listas, cf. Esq. 0, 1, 2 e 3.

Examinando as considerações de Sedley, que acima expusemos, sobre a constituição de escola megárica, K. Döring teceu algumas observações que não podemos deixar de aqui reproduzir, ainda que de forma extremamente concisa. Diz-nos Döring que os dialéticos, de que aí falamos, não formam uma escola a parte, ou melhor dizendo, não existe uma escola dialética, pois todos os seus membros são apenas megáricos. E para justificar esta afirmação, Döring oferece as seguintes razões. De início, importa dizer que na Antiguidade os megáricos eram com frequência chamados de dialéticos. E na maior parte das vezes, eram eles também que se tinha em vista quando se falava de uma prática erística da dialética. A alegação de Sedley de que megáricos e dialéticos constituiriam escolas distintas é, portanto, pouco decisiva. Em segundo lugar, há que se levar em conta que a noção de escola (*hairesis*), sobretudo nesse momento, é muito ampla, vaga e imprecisa e, assim, rivalidades entre dois filósofos não bastam para estabelecer sua

---

<sup>28</sup> Quanto ao número dos indemonstrados havia, com efeito, certa controvérsia, mas, segundo Diógenes, Crisipo só admitia a existência de cinco indemonstrados (D.L., VII, 79). O estoicismo tardio, porém, entendeu que seu número seria sete, como sabemos por Cícero (*Tóp.*, 57) e Capela (*De nup.*, IV, 419, 420 ed. Dick). Mas, as fontes em sua quase totalidade atribuem a Crisipo cinco indemonstrados simples. Cf. Sexto, *Adv. Math.*, VIII, 224-225; D.L., VII, 80-81. Para detalhes impossíveis de serem aqui reproduzidos, cf. M. Frede, *Die stoische Logik*, p. 131-133.

pertinência a escolas distintas. Fato, aliás, ainda vigente nos dias de hoje. Em decorrência desse estado de coisas, a extensão da noção de escola filosófica (*hairesis*) faz com que os dialéticos possam ser enquadrados entre os megáricos. Em terceiro lugar, cabe não esquecer que entre os megáricos e Diodoro, que segundo Sedley teria sido o fundador da escola dialética rival da megárica, existiam fortes laços doutrinários, sob mais de um aspecto. E assim é lícito dizer que permanece de pé, pelo menos em suas grandes linhas, a teoria tradicional sob a constituição da escola megárica. Por fim, queremos aqui também acrescentar que o arrazoado de Sedley, segundo o qual se megáricos e dialéticos constituíssem um único grupo a atitude de Estilpo não faria sentido (pois ninguém procura converter alguém de seu grupo para seu grupo), tampouco é conclusivo, pois pode tratar-se de uma atitude individual de quem tem em vista argumentar a fim de convencer mesmo um de seus seguidores para suas opiniões mais pessoais.

Em décimo segundo lugar, surge aqui a questão das relações entre os lógicos megáricos e estoicos e, assim, impõe-se a dupla indagação: que megáricos influenciaram os estoicos, e que estoicos sofreram influência de que megáricos.<sup>29</sup> A primeira parte desta pergunta foi respondida diferentemente por Mates e por Bocheński. De fato, Mates se resume a mostrar que Estilpo influenciou Zenão de Cítia (cf. Esq. 2), ao passo que Bocheński entende que foi Estilpo, Diodoro e Fílon exercerem influência sobre Zenão (cf. Esq. 1). Também aqui a fonte básica de nosso conhecimento histórico é Diógenes Laércio. Com efeito, falando de Estilpo de Mégara, Diógenes cita Heraclides, que afirma ‘que Zenão, o fundador da escola estoica, foi seu discípulo’ (D.L., II, 120). Esta passagem justifica tanto Mates quanto Bocheński, pois ambos dizem que Zenão foi aluno de Estilpo (Esq. 1, 2). Resta saber, porém, se os estóicos não receberam ainda outras influências - além da de Estilpo - de outros lógicos megáricos, como Diodoro e Fílon. Quanto a Diodoro Crono, diz Hipóboto<sup>30</sup> que ‘Zenão também estudou com Diodoro, exercitando-se em dialética’ – o que torna suficiente sua inclusão no esquema “sucessório” (Esq. 0, 1, 2 e 3). Também sabemos, por Diógenes, que Zenão costumava praticar a dialética com Fílon (VII,16). Em sendo assim, é lícito admitir a existência de

<sup>29</sup> Observe-se que aqui *não* indagamos que estoicos vieram a influenciar a lógica megárica, pois, ao que consta, esta não mais existia no apogeu de Crisipo (c.235 a.C.).

<sup>30</sup> Cf. D.L., VII, 25, fr. 10 Gigante.

algum tipo de influência exercida por Estilpo, Diodoro e Fílon sobre um ou outro estoico, ou mais precisamente, sobre Zenão de Cítia. Quanto à segunda parte da indagação - que estoicos foram influenciados pelos megáricos -, a resposta é basicamente a que se depreende das informações acima. Ao que parece, Zenão de Cítia teria sido o único estoico, de que temos conhecimento, que recebeu influência direta dos megáricos. Não há uma única passagem de Diógenes que assinale, de maneira explícita, ter Cleantes ou Crisipo recebido de alguma forma influência direta de algum filósofo megárico.

Não é fácil precisar, dada a carência de informações, a contribuição de Diodoro e Fílon para a formação do pensamento de Zenão de Cítia, mas parece plausível que esta tenha se dado fora do âmbito da ética. Ao que se sabe, os megáricos constituíam uma corrente que dava especial atenção às técnicas argumentativas e aos procedimentos dialéticos. Ao lado disso, inúmeros tópicos de semiótica e de teoria da linguagem foram por eles descobertos e desenvolvidos. É mesmo pensável que Zenão, neste domínio, tenha contribuído não tanto por suas próprias criações e descobertas, mas por sua atividade de professor, daquele que assimila e transmite um conhecimento pré-existente que domina sem que ele próprio o tenha descoberto. Consoante esta hipótese, Crisipo teria sido o herdeiro ou destinatário das invenções megáricas, já que ele, e não Zenão, parece ter sido o lógico da escola. É, assim, é pensável que toda a influência megárica sobre os estoicos tenha se dado sobre Zenão de Cítia e dele teria se propagado a Cleantes e deste até Crisipo (Esq. 3). E assim ficamos sem saber por que Mates não registra qualquer influência da parte de Diodoro e Fílon sobre os estoicos.

Em décimo terceiro lugar, sabemos que Fílon de Mégara foi aluno de Diodoro Crono, o que justifica a presença do primeiro logo abaixo deste último em nosso esquema evolutivo dos lógicos gregos. Em outras palavras, que Diodoro tenha sido mestre de Fílon é um fato, ao que tudo indica, inquestionável. Diógenes relata que Zenão ‘costumava praticar a dialética com muito afinco em companhia de Fílon’ (D.L., VII, 16), e diz-nos ainda que nutria por Fílon ‘uma admiração tão grande quanto a que sentia por seu mestre

Diodoro’.<sup>31</sup> Por tal motivo, os nomes de Diodoro e de Fílon estão presentes nos esquemas de Bocheński (Esq. 0 e 1), no de Mates (Esq. 2) e igualmente no nosso (Esq. 3).

Em décimo quarto lugar, vemos tanto em Bocheński como em nossa “sucessão” a presença de Platão e de Aristóteles (Esq. 0 e 3). No que concerne a Platão, é sabido que ele não explorou os elementos formais do raciocínio e, assim, não se pode dizer que tenha de alguma maneira contribuído para a lógica formal. Com ele, porém, a dialética dá uma profunda guinada em seus procedimentos e objetivos ao introduzir o método da hipótese<sup>32</sup> e, mais tarde, o da divisão e coleção.<sup>33</sup> Quanto a Aristóteles, sua presença se justifica por ser o autor dos *Primeiros Analíticos* e, assim, o criador da lógica dos termos, vale dizer, da silogística tanto assertórica (*An.Pr.*, I, 4-6) como modal (*An.Pr.*, I, 8-22).

Em décimo quinto lugar, uma questão historicamente complexa é determinar as relações entre Teofrasto e Zenão de Cítia, em particular, e entre os peripatéticos e o estoicismo, em geral. Sabemos que Bocheński registra uma influência de Teofrasto sobre o estoicismo<sup>34</sup>, o que converge com o nosso modo de pensar. A razão de nosso esquema indicar uma explícita influência de Teofrasto sobre Zenão decorre do fato de os estoicos também terem se dedicado à lógica, disciplina inventada por Aristóteles, mestre de Teofrasto, filósofo contemporâneo de Zenão de Cítia.

---

<sup>31</sup> Cf. D.L., VII, 16, fr. 104 Döring.

<sup>32</sup> Cf. *Mênon*, 86. O *Mênon* é um diálogo dito de ‘transição’ ou ‘intermediário’. O método da hipótese não é normalmente encontrado em Sócrates, mas apenas em Platão. De fato, este método é utilizado, com maior ou menor evidência, no *Fédon*, 95E ss.; *República*, 533E; *Parmênides*, 135E e no *Teeteto*. As únicas exceções são *Eutífron*, 9D-11B; *Protágoras*, 351E; *Cármides*, 160C-D, 163A, 171D e no *Mênon*, 98D-F, um diálogo de transição.

<sup>33</sup> A divisão platônica é uma operação complexa que envolve questões não só de lógica como também de conhecimento e existência. Ela é descrita em mais de um diálogo do período final da carreira intelectual de Platão (c.360-347), de modo geral no *Fedro*, 265D-266B e no *Filebo*, 16C ss. Platão a emprega na busca de uma definição ou de uma natureza tanto no *Sofista* (258C-D) como no *Político* (258, 262, 265, 285).

<sup>34</sup> Cf. Esq. 0. Sobre a abordagem de Bocheński acerca das relações lógicas entre Teofrasto e os estoicos, cf. *La logique de Théophraste*, pp. 126-127.

Quanto à possível relação entre Teofrasto e os estoicos, sabemos que a tradição nada diz, por força da inexistência de fontes que atestem de maneira explícita algo sobre esta questão. Contudo, dois tópicos chamaram recentemente a atenção dos historiadores: o interesse comum, tanto de Teofrasto como dos estoicos, pela lógica da proposição hipotética, fato que por certo não foi obra do puro acaso.<sup>35</sup> Por outro lado, a proximidade dessas escolas, tanto no tempo como no espaço, veio a propiciar algumas situações duas das quais queremos aqui pôr em destaque. Sabemos da existência de embates entre as diversas escolas helenísticas de pensamento que coexistiam nesse momento - isto é, entre 312, chegada de Zenão a Atenas, e 286, morte de Teofrasto - em Atenas. Desnecessário dizer que tal situação implica e supõe o conhecimento das ideias das correntes em conflito, já que sua ignorância tornaria impossível sustentar um debate. Também não era raro nesse momento um aluno abandonar um mestre ou uma escola e se dirigir para outra. Aproximando o que acabamos de dizer do fato de a Academia ter como lógica o sistema que Aristóteles desenvolveu, podemos inferir que Crisipo, que antes de se tornar um estoico foi aluno de Arcesilau,<sup>36</sup> ter por meio deste a ocasião de conhecer a lógica peripatética.<sup>37</sup>

Cumpra agora que nos voltemos sobre uma possível influência peripatética sobre o estoicismo. De fato, conhecemos uma passagem de Plutarco em que Crisipo faz referência de maneira ampla à lógica de Aristóteles.<sup>38</sup> Por outro lado, é provável que o

---

<sup>35</sup> Há quem sustente que Crisipo teria lido o *Sobre o Mentiroso* de Teofrasto (cf. D.L., V, 49), o que se depreende de seu livro *Solução segundo os antigos, a Dioscórides* (cf. VII,197), tendo por evidência o fato de Crisipo se valer dos mesmos conectivos de que antes se servira Teofrasto. Cf. J. Barnes, 'Aristotle and Stoic Logic', p. 24ss. Pamela Huby também entende que Crisipo teria lido Teofrasto e escreveu acerca desta questão, cf. *Theophrastus of Eresus*, v. II, p. 11.

<sup>36</sup> Segundo relata Sotíon, Crisipo teria estudado na Academia com Arcesilau e Lacides (D.L., VII, 183-184). Por não se encontrar este relato em nenhum outro historiador, há quem entenda que ele possa não ser historicamente confiável.

<sup>37</sup> Arcesilau de Pítane (c.316-c.241 a.C.) ao chegar à Atenas torna-se discípulo de Teofrasto, tendo tempos depois se passado para a Academia. Cf., para detalhes, J. Glucker, 'Theophrastus, the Academy, and the Athenian Philosophical Atmosphere'.

<sup>38</sup> Cf. Plutarco, *Stoic. Rep.*, 1045F-1046A. São igualmente conhecidos os relatos dos comentadores de Aristóteles a respeito de debates entre estoicos e aristotélicos.

*Organon* fosse conhecido fora do Liceu, pois sabemos que Eubúlides criticou a posição de Aristóteles em relação a diversos temas.<sup>39</sup> A hipótese de Zenão de Cítia ter recebido, em lógica, alguma influência dos peripatéticos não é afirmada explicitamente por nenhuma das fontes antigas de que temos conhecimento.

Sabemos que a tradição não se manifesta sobre este tema e, assim, não tece qualquer indagação a respeito de um possível contato entre a lógica peripatética e a estoica. Bocheński, que representa a transição entre a tradição e os tempos atuais, entende que Teofrasto viria a ser um ‘precursor’ que ‘prepara [no que concerne a lógica] o estoicismo’.<sup>40</sup> Nos tempos atuais, a presente questão se amplia dando lugar a uma extensa discussão se Zenão, em particular, ou se os estoicos, em geral, tiveram ou não algum contato com uma fonte peripatética. E na tentativa de responder a essa indagação surgiram as mais distintas propostas, que aqui sumariamos em três grandes atitudes.<sup>41</sup> São elas: 1) Estoicos e peripatéticos chegaram por vias independentes aos mesmos resultados. 2) Os estoicos dispunham de diversas obras de Aristóteles, muitas das quais chegaram até nós, que vieram a orientá-los em seus estudos e investigações lógicas. 3) Os antigos estoicos não tiveram acesso às obras esotéricas de Aristóteles e quando uma doutrina estoica vem a coincidir com uma doutrina aristotélica, isto seria devido: (a) à utilização de uma obra exotérica, ou então (b) a uma comunicação oral a que tiveram acesso.<sup>42</sup>

Além das hipóteses acima aventadas, também é possível conjecturar que a mera influência dos megáricos tenha sido suficiente para desencadear o início da lógica e explicar tudo o que, em princípio, aqui creditamos à influência do ensino de Teofrasto. Toda essa indagação, no entanto, ainda é uma questão em aberto, e a seu respeito nada ultrapassa o plano da mera conjectura.

---

<sup>39</sup> Cf. D.L., II,109; Ateneu, VIII, 354C (fr. 61 Muller); Temístio, *Orat.*, XXIII, 285C (fr. 62 Muller).

<sup>40</sup> *La logique de Théophraste*, p. 126-127.

<sup>41</sup> Para uma exposição deste assunto, cf. F. H. Sandbach, ‘Aristotle and the Stoics’, p. 55.

<sup>42</sup> É conhecida a distinção, em se tratando de Platão e de Aristóteles, entre obras esotéricas e exotéricas. Livros exotéricos são aqueles destinados a um público mais amplo e não especializado, enquanto que obras esotéricas são aquelas de teor mais técnico e destinadas aos membros da escola. Ao que consta, os livros do *Organon*, por exemplo, seriam todos esotéricos, até porque nenhuma obra exotérica de Aristóteles teria chegado até nós.

Em décimo sexto lugar, fomos levados a incluir em nosso esquema, no rol dos lógicos aristotélicos, além do nome de Teofrasto, o nome de Eudemo, seu colega e colaborador, o que não vemos em Bocheński (cf. Esq. 0). Ao assim fazer, arma-se um complicado problema no âmbito da história da lógica teofrástica, na medida em que inúmeras noções, teorias e doutrinas são atribuídas não a Teofrasto isoladamente, mas a Teofrasto e Eudemo<sup>43</sup> conjuntamente, sem qualquer discriminação que individualize a autoria. Com efeito, não é pequeno o número de passagens que remetem a Teofrasto e Eudemo em conjunto, fato que está a exigir uma explicação, já que as fontes que conhecemos nada explicam sobre a natureza desta colaboração entre os dois filósofos. Para dar conta desse estado de coisas, os historiadores propuseram distintas soluções, embora nenhuma plenamente satisfatória.

Segundo Zeller, o nome de Teofrasto ocorre isoladamente sempre que estiver em questão uma ideia deste filósofo. Entretanto, quando se trata não de uma teoria pessoal de Teofrasto, mas de uma doutrina aristotélica corrente, os dois nomes aparecem associados.<sup>44</sup> Outra interpretação para este fato, não muito distinta da de Zeller, é a que oferece Bocheński quando diz que nem tudo o que Aristóteles criou em lógica se encontra escrito no *Órganon*. Inúmeras ideias lançadas em cursos, palestras e aulas nunca chegaram a ser fixadas em livros. A associação dos nomes de Teofrasto e Eudemo ocorre sempre que estiver em questão não uma teoria original de Teofrasto, mas a exposição de uma doutrina aristotélica não-escrita.<sup>45</sup> Por isso, permanece atual a atitude de Wehrli de se perguntar se a presença sistemática desses dois nomes não indicaria uma incerteza por parte das

---

<sup>43</sup> Eudemo de Rodes (fl. segunda metade do século IV a.C.) foi discípulo e amigo de Aristóteles. Ao que parece, foi forte concorrente de Teofrasto à sucessão de Aristóteles na direção do Liceu. Mas foi Teofrasto, e não Eudemo, o escolhido. A ele devemos histórias da aritmética, geometria, astronomia e teologia. No que respeita à lógica, afasta-se, por vezes, de certas doutrinas de seu mestre, ao oferecer soluções alternativas de certa originalidade.

<sup>44</sup> Cf. E. Zeller & R. Mondolfo, *La filosofia dei greci nel suo sviluppo storico*, II/6, p. 445, nota 6.

<sup>45</sup> I. M. Bocheński, *La logique de Théophraste*, p. 125.

fontes seja quanto à real identidade do autor das inovações lógicas em questão, seja quanto ao fato de ter existido uma colaboração efetiva e estreita entre ambos ao longo do tempo.<sup>46</sup>

Dada a incerteza que paira sobre essa questão, não é de se admirar que haja quem afirme ser este tópico insolúvel e, por tal razão, sustente ser impossível distinguir a contribuição específica de Teofrasto da de Eudemo. Por outro lado, longe de sugerir discrepância ou divergência entre esses dois discípulos de Aristóteles, esta associação de nomes indica uma substancial identidade de reflexão que entre eles teria existido.<sup>47</sup> Daí a observação de Bocheński de tratar-se de um fato único na história da lógica.<sup>48</sup>

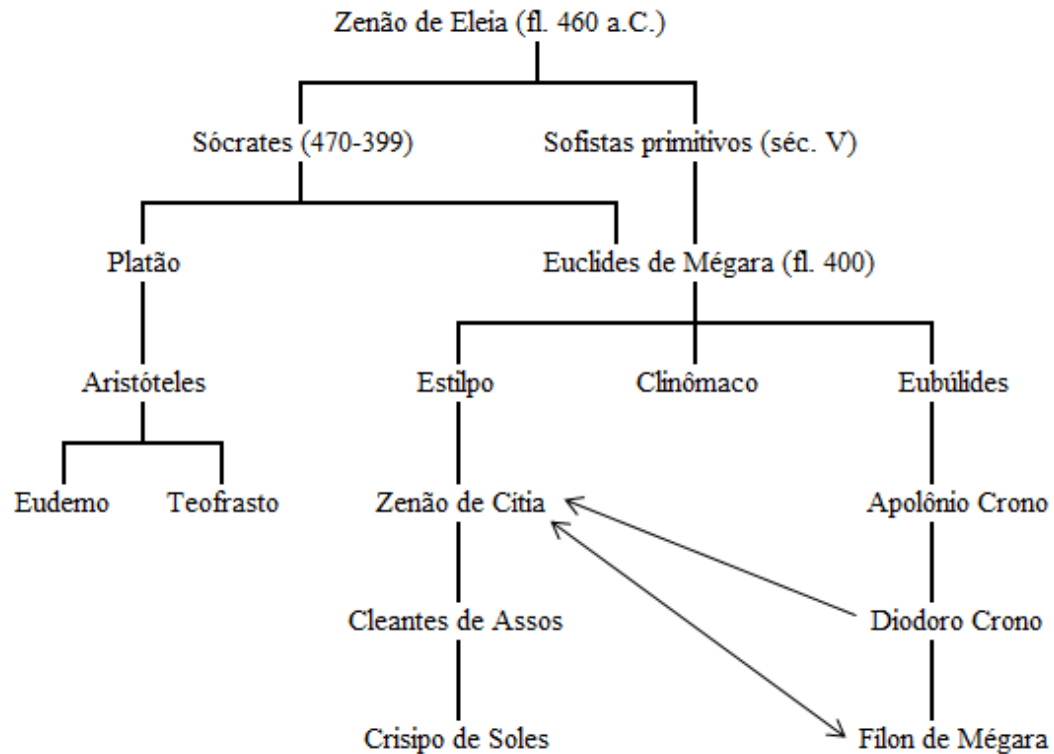
Levando em conta todas as considerações acima, o esquema que melhor representa, em nosso entender, o conjunto dos dados históricos de que hoje dispomos não seria nem os de Bocheński nem o de Mates, mas o esquema que propomos a seguir (Esq. 3):

---

<sup>46</sup> F. Wehrli, *Die Schule des Aristoteles*, VIII, p. 79.

<sup>47</sup> L. Repici, *La logica di Teofrasto*, p. 42.

<sup>48</sup> ‘Esta união de dois autores é, ao que saibamos, um fato único na história de nossa ciência [isto é, a lógica], pois nunca tantas teses e tão claramente propostas, em oposição a um pensador mais antigo, foram atribuídas em conjunto a dois lógicos distintos.’ I. M. Bocheński, *La logique de Théophraste*, p. 125.



Como se vê, o estudo dessas inter-relações tem um aspecto não só prático, mas igualmente muito positivo e esclarecedor de possíveis difusão de doutrinas e formação de escolas ou grupos dotados de distintos graus de unidade doutrinária.

Paulo Alcoforado  
*Professor Aposentado da UFRJ*

### *Referências Bibliográficas*

- Barnes, J., 'Aristotle and Stoic Logic', em K. Ierodiakonou (ed.), *Topics* (p. 23-53).  
Bocheński, I.M., *La logique de Théophraste*, Fribourg, 1947.  
Bocheński, I.M., *Ancient Formal Logic*, Amsterdam, North-Holland, 2a.ed., 1957.  
Bocheński, I.M., *Formale Logik*, Freiburg-München, K. Alber, 3a.ed., 1970.

- Döring, K., *Die Megariker*, Amsterdam, Grüner, 1972.
- Döring, K., ‘Gab es eine dialektische Schule?’, *Phronesis*, 34 (1989): 293-310.
- Frede, M., *Die stoische Logik*, Vandenhoeck, Göttingen, 1974.
- Glucker, J., ‘Theophrastus, the Academy, and the Athenian Philosophical Atmosphere’ em J. van Ophuijsen & M. van Raalte (eds), *Theophrastus Reappraising the Sources*, Leiden, Brill, 1998 (p. 299-316).
- Huby, P., *Theophrastus of Eresus*, 2 vols, Leiden, Brill, 2007.
- Ierodiakonou, K. (ed.), *Topics in Stoic Philosophy*, Oxford, Clarendon, 1999.
- Mates, B., *Stoic Logic*, Berkeley, California, 2a. ed., 1961.
- Muller, R., *Introduction à la pensée des Mégariques*, Paris, Vrin, 1988.
- Muller, R., *Les Mégariques. Fragments et témoignages*, Paris, Vrin, 1985.
- Repici, L., *La logica di Teofrasto*, Bolonha, Il Mulino, 1977.
- Sandbach, F. H., ‘Aristotle and the Stoics’, *Cambr. Philol. Soc.*, Sup. vol. 10, 1985.
- Sedley, D., ‘Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy’, *Proc. of the Cambr. Philol. Soc.*, 23 (1977):74-120.
- O’Toole, R. & Jennings, R., ‘The Megarians and Stoics’, em Gabbay, D. & Woods, J. (ed.), *Handbook of the History of Logic*, vol. I, Cambridge.
- Wehrli, F., *Die Schule des Aristoteles: Texte und Kommentar*, 10 vols. + 2 suplem., Basel, Schwabe, 1967-1978.
- Zeller, E. & Mondolfo, R., *La filosofia dei greci nel suo sviluppo storico*, Florença, La Nuova Italia, 1967.